

Corpo comestível e o corpo como matriz de Rosa Esteves

O corpo sempre esteve presente no universo artístico, seja como modelo idealizado seja nas experiências radicais da body art. E assim é nos trabalhos de Rosa Esteves. Para a artista, contudo, o corpo não surge como figura, suporte, material ou lugar para a arte, esses são apenas recursos em seus trabalhos, neles o corpo vai além, melhor, o corpo da própria artista existe como matriz. Matriz mítica e filosófica. Mítica por ser fundante do indivíduo e de suas experiências, permitindo-nos alcançar memórias ancestrais e expressões artísticas primevas. Filosófica pois apresenta-se como pergunta e investigação acerca das políticas corporais, questões de gênero, memória corporal e acerca da ação do tempo sobre os corpos humanos.

Alguns de seus trabalhos podem ser apontados como exemplares de suas experiências artísticas, como *Deusas* (2000), em que seu corpo serve como suporte e meio para a pintura a fim de que, pela tinta espalhada no corpo, sejam compartilhados imagens e sentidos com a pintura corporal indígena e africana em que o corpo é ornamentado com fins rituais e estéticos, pelo título, com o princípio da experiência sagrada e religiosa, e, pela técnica, com a história da arte ao lembrar as experiências do corpo como pincel de Yves Klein.

Pupas (2003) são figuras femininas moldadas com a argila a partir de partes do corpo da artista e remetem a figuras pré-históricas que resgatam e questionam a imagem da mulher-deusa, mãe de todos e provedora, mas, ainda, mãe elementar, não plenamente desenvolvida, deusa-menina, em seu casulo. *Nutritivas* (2004) mantém o tema de *Pupas*, levando-o adiante, são bonecas de argila recheadas com sementes que germinam, transformando a deusa-menina em deusa-mãe, solo fértil para as sementes ali depositadas, a artista tomando, então, não apenas a imagem da deusa arquetípica, mas promovendo a união de Gaia, elemento primordial e deusa cósmica, e Deméter, a terra cultivada, convertendo sua obra em metonímia para o próprio planeta Terra.

A performance *Corpo comestível* (2005) atua como ponto alto das investigações de Rosa Esteves, nela o corpo da artista é transmutado em pedaços de chocolate e oferecido ao público para ser devorado num rito canibal, em que a artista realiza sua entrega simbólica mediada pela performance e pela multiplicação do corpo. Com a artista abandonamos a idéia do corpo obsoleto diante da cibernética e tecnologia atual para termos o corpo que se desdobra para além de si, indo da investigação intelectual da pintura, passando pelo tornar a arte solo para germinação de sementes e sua transformação em plantas até o corpo-alimento. Assim, em sua companhia, passamos do espanto da percepção da existência confirmada pela forma gravada no papel, à experimentação dessa existência como fertilidade e desdobramento no corpo tornado solo, e, finalmente, à entrega completa da existência em forma de alimento. Esteves ao mesmo tempo dá seu corpo (artista tornada carne e alimento) e abandona o papel intelectual de fundo renascentista do artista demiurgo. O artista já não apenas cria em seu ateliê, mas rege um ritual, ao ser transformado em mestre de cerimônias, xamã e líder. Artista como messias, que na performance *Corpo comestível* leva-nos, também, à evocação da ceia cristã em que o Cristo ao mesmo tempo oferece simbolicamente seu corpo: “Este é meu corpo que é dado por vós, comi e bebei em memória de mim” e ministra o banquete.

Na obra de Rosa Esteves não se encontra a relação de fundo sado-masoquista, tão recorrente em performances em que o corpo se oferta como astro principal na cena, mas,

sim, a participação num ritual de ceia simbólica, mais próxima do rito cristão da eucaristia, em que come-se o corpo de cristo representado pelo pão e pelo vinho no mistério da transmutação dos materiais, ou da antropofagia tupinambá em que o outro pode servir de alimento para a própria identidade do grupo, ressaltando que no caso de Esteves, é a própria artista multiplicada e tornada outro dando-se a comer. Temos, então, o artista como alquimista que mistura materiais e ritos pagãos e cristãos por meio de sua arte, transformando a própria arte em matéria comestível e o alimento em arte: doce que se transmuta em arte; arte que se transmuta em alimento.

Observamos o trabalho de Rosa Esteves como uma arte orgânica e única, em que as obras são criadas uma a partir da outra, sem rompimentos, num ato criativo contínuo, como uma espécie de investigação que se aprofunda em que respostas geram novas perguntas, impedindo a paralização da ação. Nesse sentido, *Corpo comestível* aponta e desenvolve as obras que a precederam, iluminando a obra da artista em dois sentidos, um para frente e outro para trás. Os trabalhos anteriores não devem ser vistos como embriões, pois são obras maduras, mas como parte do discurso investigativo que levará à performance. *Deusas* pode ser visto como a idéia corporal, o corpo-imagem e germe performático, *Pupas* e *Nutritivas* o corpo é terra, suporte, berço e útero para a semente que se tornará alimento em *Corpo comestível*: corpo e arte tornados alimento maduro, pronto para ser degustado. Se, nas pinturas, pretende-se estender a existência do corpo, ao menos em imagem, registro, nas *Nutritivas* o corpo é destruído pelo germinar da semente, o corpo-solo rasga-se para dar lugar à vida vegetal, e sua reprodução de chocolate chega, enfim, ao ritual antropofágico em que o corpo torna-se alimento.

Por Adrienne de Oliveira, novembro de 2007